



FLORESTAN FERNANDES E A CONTRIBUIÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE

FLORESTAN FERNANDES AND THE CONTRIBUTION OF SOCIAL SCIENCES IN CONSTRUCTION OF PUBLIC HEALTH POLICIES

Adalberto Teodósio Tabalipa¹

Resumo

A finalidade deste artigo é incrementar as práticas pedagógicas no campo das ciências sociais de modo que, ao refletir sobre o pensamento social brasileiro e a história dele, poder interseccionar a disciplina de Sociologia com a política nacional de saúde. A coletânea intitulada “Um Retrato do Brasil”, publicada em dez edições no Jornal de São Paulo, se tornou um texto clássico, principalmente quando se aborda a reflexão sociológica com a saúde. Neste texto, lançado em 1946 no referido jornal, Florestan comenta a obra “Viagem a Tocantins”, de Júlio Paternostro, médico do Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller. Florestan percebe na resistência do sertanejo aos serviços médicos, o perigoso resultado que é acumular problemas antigos com novos: a impressão psicossocial causada aos sertanejos quando os postos de saúde e santas casas, que são o ponto de contato das populações interioranas com a civilização, não realizam sua função conforme os requisitos racionais e seculares, reforçando a negação psicossocial de todo aquele complexo e acentuando a reatividade aos mores da civilização como um todo. Vimos que para o objetivo proposto, as referidas publicações trazem uma série de vantagens para o ensino de sociologia, dentre as quais situar o fazer sociológico, referenciado na realidade do entorno, onde a pesquisa se mostra essencial. Ao mesmo tempo revela o pioneirismo da produção sociológica brasileira que, aos poucos, foi se encontrando com a real complexidade da própria formação social brasileira, em que atraso e modernidade se misturam, naquilo que posteriormente Florestan posteriormente designaria como modernização conservadora.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia. Políticas de Saúde. Florestan Fernandes

Abstract

¹ Mestre em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Sociologia do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Chapecó. Email: adalberto.tabalipa@ifsc.edu.br



The purpose of this article is to increase pedagogical practices in the field of social sciences so that, by reflecting on Brazilian social thought and its history, they can intersect the discipline of Sociology with the national health policy. The collection, entitled “Um Retrato do Brasil” published in ten editions of the *Jornal de São Paulo*, became a classic text, especially when it comes to sociological reflection on health. In this text, published in 1946 in the aforementioned newspaper, Florestan comments on the work “Viagem a Tocantins”, by Júlio Paternostro, physician at the Yellow Fever Service of the Rockefeller Foundation. Florestan perceives in the resistance of the sertanejo to medical services the dangerous result of accumulating old problems with new ones: the psychosocial impression caused to them when the health centers and holy houses, which are the contact point of the countryside populations with civilization, do not they perform their function according to rational and secular requirements, reinforcing the psychosocial denial of the entire complex, accentuating the reactivity to the mores of civilization as a whole. We have seen that, for the proposed objective, these publications bring a series of advantages for the teaching of sociology, among which to situate the sociological practice, referenced in the reality of the surroundings, where research is essential. At the same time, it reveals the pioneering nature of Brazilian sociological production, which, little by little, was meeting the real complexity of the Brazilian social formation itself, in which delay and modernity are mixed, in what Florestan would later designate as conservative modernization.

Keywords: Teaching of Sociology. Health Policies. Florestan Fernandes

1 INTRODUÇÃO

A atual crise sanitária resultante da pandemia de Sars COVID - 19 reforça a importância de trabalhos acadêmicos que possam interseccionar a disciplina de Sociologia com as temáticas associadas à política nacional de saúde, entendendo estas como parte de um conjunto mais amplo de relações produzidas entre os indivíduos numa sociedade pautada pelo confronto entre capital e trabalho, onde as políticas voltadas à educação e saúde, constituem e, ao mesmo tempo são constituídas pelo resultado deste antagonismo.

Buscaremos, através de uma perspectiva histórico-crítica, situar a contribuição das ciências sociais para a construção das políticas educacionais e de saúde no Brasil, e como estas podem colaborar na construção de uma escola democrática, e portanto promotora de saúde, na sua acepção mais ampla.



A consolidação do Sistema Único de Saúde se deu a partir do movimento da reforma sanitária e da luta contra o regime empresarial-militar, combinando a atividade científica com um horizonte positivo de construção de um novo modelo de sociedade, com um conteúdo contestador (negativo) do regime autocrático burguês e da ordem burguesa consolidada com a contrarrevolução de 1964.

Tal movimento adquire um referencial axiológico próprio, tendo como conteúdo as garantias democráticas de acesso à saúde, reivindicação que extrapola as limitações impostas por uma estrutura social dependente e heteronômica possíveis apenas num modelo de democracia mais avançada que o modelo autocrático burguês brasileiro. O desdobramento da crise da ditadura militar em uma transição transada para uma democracia formal, que repôs a autocracia burguesa ao invés de substituí-la revolucionariamente por um modelo de democracia avançada, aproximou o movimento de uma orientação mais próxima àquelas defendidas pelo socialismo do que pelo capitalismo subdesenvolvido e periférico. As reivindicações foram institucionalizadas como política pública como parte da concessão estratégica feita pelo bloco de poder dominante aos setores subalternos, de modo a evitar que estes direcionassem seus esforços para suplantarem o novo acordo burguês - um movimento semelhante norteou o movimento educacional, com a constitucionalização dos direitos à Educação, e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, porém, com menos sucesso, por razões históricas e estruturais próprias.

Os resultados dos dois movimentos, portanto, não foram simétricos. Enquanto no primeiro caso criou-se um sistema nacional; no último não se consolidou, não obstante se tenham garantido algumas conquistas importantes². Apesar destas diferenças, ambas alcançaram uma dimensão inédita, tendo seus limites circunscritos a não ruptura com a ordem, e sim à reconfiguração da dominação autocrática, com mecanismos renovados de legitimação do capitalismo brasileiro. A solução do problema “pelo alto” não poderia resolver as tensões, senão apenas criar

² Constitucionalização dos direitos à educação, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, Estatuto da Criança e do Adolescente, Fundo de Manutenção para o Desenvolvimento da Educação Básica - Fundeb (antes fundef), entre outros.



um impasse a ser decidido pelas classes em luta, num momento breve que, como o tempo parece demonstrar, viriam junto à crise do pacto da “Nova República”.

Sendo esta apenas parte de uma pesquisa mais ampliada, apontaremos neste artigo uma breve remissão sobre a aproximação das ciências médicas com as ciências sociais, a partir da década de 1940, como a publicação de Florestan no Jornal de São Paulo, em 1946, que se tornou clássico, permitindo a aproximação da área da saúde com a teoria sociológica produzida no Brasil e fora dele.

2 A ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DA USP E AS POLÍTICAS NACIONAIS DE SAÚDE E EDUCAÇÃO

A primeira universidade brasileira demorou significativamente para se constituir, se comparada com a de vários países na América Latina, ainda que tais países tenham compartilhado a mesma senda histórica que o Brasil como fonte de acumulação originária do capitalismo europeu através da colonização realizada pelas metrópoles européias no século XVI. A Universidade de São Paulo - USP - surge bem mais tarde, como resultado do desenvolvimento capitalista acelerado do capitalismo brasileiro, ao final da primeira metade do século XX.

Aliadas às motivações de frações da burguesia interna, que era a de formar quadros intelectuais para as exigências da transformação capitalista da sociedade brasileira, haviam motivações externas, da burguesia de países com interesses políticos e econômicos ligados ao seus próprios desenvolvimentos do capital monopolista e imperialista. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, este processo se acentua, com a largada na disputa geopolítica contra o mundo socialista, em que forma firmados acordos que viabilizaram a vinda de intelectuais estrangeiros de prestígio para formar os primeiros quadros docentes da universidade.

Para além da formação dos *scholars*, existiam desdobramentos práticos das ideologias de desenvolvimento, como os debates acalorados entre Wislow e Myrdal, que de alguma forma propugnavam a simultaneidade entre transformação capitalista e elevação dos padrões de saúde e níveis educacionais, concepção que, como



afirma Maio e Lima (2009) , trata a complexa relação entre desenvolvimento e saúde como se fosse algo simples e linear (2009, p.531).

A Escola Livre de São Paulo (ELSP, atual Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), criada em 1933, firma convênio com o Serviço Especial de Saúde Pública - SESP - , particularmente na sua Seção de Pesquisas. Campos apud Maio e Lima (2009, p.532) afirma que este órgão resulta da cooperação do esforço de guerra entre o Brasil e os EUA, que visava garantir um grau de salubridade aos trabalhadores da borracha no Vale do Amazonas, e do minério de ferro no Vale do Rio Doce. Com o fim da guerra, o órgão voltou suas atenções para interiorização de hospitais e postos de saúde. Ainda segundo os autores,

a partir da década de 1950, o SESP se tornou um órgão voltado à solução dos problemas de saúde pública no Brasil. Já “em 1953 é criada Seção de Pesquisa Social, da Divisão de Educação Sanitária, com brasileiros que estudaram em universidades norte-americanas, consultores da ELSP, Instituto de Antropologia Social e Divisão de Saúde e Saneamento do Instituto de Assuntos Americanos”.(2009, p.532).

Desta forma, vai se definindo uma associação entre a pesquisa acadêmica e as políticas de saúde, situadas no final da fase competitiva e cujas contradições ficariam mais evidentes na etapa monopolista e dependente do capitalismo brasileiro, na metade do século XX em diante.

3 A ENTRADA DE FLORESTAN NA USP E AS PREOCUPAÇÕES TEÓRICAS E POLÍTICAS NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950

A condição de vida humilde e a rara oportunidade de um trabalhador pobre acessar o nível superior, e a igualmente rara oportunidade de se dedicar aos estudos, fez com que Florestan se dedicasse a uma “disciplina monástica de trabalho”. O tamanho da dificuldade foi relatada por Florestan e seus colegas da ELSP, em que o rigor da formação de *Scholar* se somava à dificuldade de ter aulas com professores estrangeiros que não tinham a mínima preocupação em aprender o português, nem em buscar referências textuais no idioma brasileiro.

O fato de que estes professores tenham logo voltado para suas terras natais, permitiu a raríssima oportunidade apresentada a Florestan e a um grupo seletivo de



estudantes da USP, que substituiu aqueles e formou os primeiros quadros docentes da universidade. Florestan torna-se professor assistente em 1945, depois livre-docente e, por fim, professor contratado, em 1954.

Como professor da USP Florestan teve a possibilidade de estabelecer no país um padrão rigorosamente científico de produção acadêmica, com ênfase na pesquisa empírica, substituindo assim os ensaios eruditos típicos dos primeiros intérpretes, pelo uso das metodologias avançadas, nas palavras de Florestan, desenvolvidas em países que naquela época se serviam bem dos autores clássicos para “aplicar” o conhecimento sociológico às suas realidade. Florestan acreditava que, com a massa de dados coletada e o problema sociológico bem definido pelo pesquisador, era possível realizar investigações originais sobre as questões nacionais, inclusive permitindo acessar assuntos que extrapolavam as particularidades nacionais.

Desde cedo, Florestan percebeu a escassez dos meios materiais para fazer pesquisa no Brasil - a mesma razão que desmotivou os professores estrangeiros a permanecerem no país. Frente à esta dificuldade, Florestan buscou saturar as possibilidades existentes, como prova a sua tese : “A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá” - apresentada em 1953, dois anos depois da tese sobre a organização social dos Tupinambá, e que se baseava em documentos disponibilizados pelos portugueses. Além da falta de insumos para a pesquisa de grande porte, Florestan lidava com a adversidade própria de um pioneiro, em esforços intelectuais diversos, fazendo dele aquilo que Limoeiro chamou de “construtor fundador” (1996, p.98).

Neste espírito, Florestan aproveita o debate público frente ao impasse da transformação capitalista que deixa para trás questões de ordem social, como as questões educacionais e sanitária, e se arrisca como publicista para travar o debate de ideias, denunciar o comportamento incivilizado das elites, e difundir o espírito científico. O reconhecimento do aspecto social da saúde permite à Sociologia tecer suas primeiras contribuições à esta área.

A questão sanitária, que foi problematizada com maior fôlego na primeira metade do século XIX, nos EUA, chega postumamente ao Brasil, anos depois da



Revolta da Vacina - reação popular aos desmandos dos governos na República oligárquica, em 1901, que pretendia dar cabo a uma política higienista. Tal questão só foi objeto de reflexão séria a partir de 1916, com a publicação do relatório da expedição médico-científica do Instituto Oswaldo Cruz ao interior. Dois anos depois, em 1918, coincidem a fundação da Liga Pró-Saneamento do Brasil e a repercussão do livro “Saneamento do Brasil”, de autoria de Belisário Penna.

As primeiras décadas do século XX, antecipadas por inúmeros conflitos com a República oligárquica, atingem as camadas médias das cidades. Deste setor, o mais significativo foi a revolta tenentista, com destaque para a Coluna Prestes. A coluna percorre o interior do Brasil, e sua liderança, Luiz Carlos Prestes, percebe que nem a simples troca de governo, nem as palavras de ordem de moralização da política, superariam a frágil condição de existência dos sertanejos. O movimento tenentista se divide, capitaneado por Getúlio Vargas, e Prestes, este último se aproximando do PCB.

No romance de 1930, Monteiro Lobato retrata o sertanejo com o personagem Jeca Tatu sem a idealização deste, como acontecia com os intelectuais da Semana de Arte Moderna. Tendo provocado reações diversas, Lobato, que se aproximava do debate da questão agrária, associa as características negativas do sertanejo com as doenças acometidas pela falta de acesso a condições sanitárias adequadas.

4 UM RETRATO DO BRASIL

A coletânea, intitulada “Um Retrato do Brasil” publicada em dez edições no Jornal de São Paulo, se tornou um texto clássico, principalmente quando se aborda a reflexão sociológica com a saúde. Neste texto, lançado em 1946 no referido jornal, Florestan comenta a obra “Viagem à Tocantins”, de Júlio Paternostro, médico do Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller. O conceito chave explorado pelo autor é o de “modernização”, associado a noções como “demora cultural”, que permitiram constatar a resistência à mudança como um fenômeno presente em alguns aspectos das formações sociais semelhantes ao Brasil.



Como dito anteriormente, a obra estudada permite antever o dilema em que trabalhava Florestan. Como mesmo disse na conclusão dos dez ensaios, “é menos um retrato que um esboço” (1974, p.161), mas reforça que a obra tinha um forte efeito, que é o de aproximar o brasileiro de uma realidade muitas vezes ignorada. A proposta de utilizar como fonte de pesquisa e de difusão do conhecimento sociológico um livro que nem era de sociologia, ocorre pois o autor percebe nela, “vários problemas de pesquisa de grande interesse científico”, como “pontos de partida, que não devem ser desprezados”, mas já avisando que por si só dificilmente permitiria ao autor aprofundar suas observações” (1974, p.153).

O centro da reflexão estava nos processos de mudança social nas comunidades rurais. Conhecer o Brasil na sua totalidade implica, ainda hoje, reconhecer a existência de alguns poucos grandes centros urbanos, em boa parte situados no litoral, e uma maioria de pequenos municípios no interior - região onde vivia a maior parte da população na época da pesquisa. O desenvolvimento capitalista acelerado impôs um ritmo de desagregação do mundo rural, tornando o sertanejo um “pária da civilização”. Florestan deslinda a natureza miscigenada do caboclo, na sua realidade concreta, e critica o “sertanejo idealizado” por autores do modernismo.

As abordagens de litoral e interior, para o autor, são um modo impreciso de constatar dois “modos” de produção, que coexistem simultaneamente em espaços geográficos diferentes. Das interpretações existentes na época, Florestan se aferra à de Euclides da Cunha, afirmando que o Brasil será ainda por muito tempo o retratado em “O Sertões”. Caracteriza, a partir das ocupações, os “tipos de sertanejo: há os seringueiros, os vaqueiros, os remeiros, os carregadores, os apanhadores de castanhas, os tropeiros..Há ainda os pilotos.”(1974, p.148). Caracteriza o trabalho e as condições de trabalho de cada um, e justifica a diferenciação das ocupações à diversificação das áreas e recursos naturais, tendo ponto em comum o escoamento através do Rio Tocantins.

Citando Arruda Mar afirma que



o que marca indelevelmente a produção de Florestan e atesta a originalidade da sua reflexão é a análise da transformação, mas, sobretudo, o relevo conferido aos entraves à modernização brasileira. São os empecilhos que conferem o tom dominante da discussão (1996, p.13, apud 2009, p. 539).

. Florestan percebe na resistência do sertanejo aos serviços médicos o perigoso resultado de acumular problemas antigos com os novos: a impressão psicossocial causada à estes quando, os postos de saúde e santas casas, que são o ponto de contato das populações interioranas com a civilização, não realizam sua tarefa conforme os requisitos racionais e seculares, reforçando a negação psicossocial de todo aquele complexo, acentuando a reatividade aos *mores* da civilização como um todo.

Ao mesmo tempo, Florestan percebe as contratendências que surgem e que, por sua vez, conferem um efeito construtivo à esta interação: Paternostro cita como exemplo o médico que abrigava pacientes em sua casa e cama, e por sua vez dormia no chão; (1974, p.144), ou o treinamento de curandeiros, para trazer informações aos médicos; por outro lado, como o método mais eficaz para “contribuir para erradicar a funesta fé nas *mezinhas*, *beberagens*, etc... e para cessar a luta subterrânea ou manifesta, nascida da necessidade ou ignorância, que os representantes da medicina leiga mantém com a medicina científica (1974, p.147). Florestan demonstra como 3ssa política etnológica era importante, visto que não havendo farmácias, os compostos medicinais eram comercializados nas vendas, e os “vendeiros” assumiam, nos povoados, a função de farmacêuticos e médicos. Longe dos povoados, sobravam os curandeiros, “entendidos”, “comadres”.

No livro ainda se observam críticas ao fazer médico tradicional, bem como a pertinente observação relativa ao insulamento cultural dos médicos (1974, p.145), estreitando o horizonte cultural e profissional; dividindo o ofício com outros trabalhos; além da constante limitação dos meios pessoais para se atualizar - de modo que muitas vezes tais atualizações eram mediadas por agentes da indústria farmacêutica que transformavam o médico em um simples elemento de ligação comercial na engrenagem” (ibidem).



A defesa que Florestan faz dos efeitos positivos da civilização pode sugerir ao leitor incauto que este se vincula acriticamente ao projeto civilizatório oferecido pelo capitalismo, e suas formas predatórias de exploração dos povos que não compartilharam o mesmo desenvolvimento histórico da Europa e Estados Unidos, enfim, que haveria algo de etnocêntrico nas teses de Florestan apresentadas em “Um Retrato do Brasil”. Na verdade, Florestan, ávido defensor do socialismo, considera um fato dado o avanço da civilização originada na Europa e Estados Unidos de bases capitalistas, ainda que tenha se imposto às custas de culturas inteiras.

Sem ser possível adentrar amplamente na questão, a própria dinamização das sociedades não ocidentais e não capitalistas gerou, em alguns casos sua própria síntese superadora, como é o caso das revoluções socialistas no leste europeu, e que pouco tempo depois do referido texto, alcançaria outras regiões do globo. Seria um tremendo equívoco considerar as experiências socialistas na África, Ásia, América como uma aculturação abrangente destas sociedades, simplesmente pelo fato de o socialismo ser uma consequência da acentuação das contradições no interior de uma sociedade a partir de dinamismos civilizatórios do capitalismo ocidental.

Na entrevista intitulada “Condição de Sociólogo”, bem como nos “Apontamentos sobre a Teoria do Autoritarismo” Florestan menciona a plena viabilidade de adquirir as conquistas legadas pela senda civilizatória, sem se deixar assimilar pelos particularismos das classes dominantes que abandonaram a sua substância utópica original para assegurar uma posição social reacionária. A ciência, amparada nas bases humanistas do pensamento racional, não deveria ser abandonada por nenhuma tradição civilizatória, mas construída em bases próprias.

Neste sentido, é assertiva a afirmação feita por Florestan de que “as ciências sociais nasceram e desenvolveram-se, sob o signo de Comte, ou o signo de Karl Marx - com o duplo propósito de conhecimento exato da realidade social e de seu domínio sobre o homem” (1974, p. 161). A ciência não teria um valor em si, mas



estaria sujeita às aspirações humanas, que variariam em função da diversidade de bases humanas existente, e sua interação recíproca.

A identificação de Comte e Marx, por sua vez, longe de “provar” cabalmente a existência de um positivismo na teoria marxista, é feita por Florestan para se referenciar na expectativa da ciência na busca da objetividade diante da realidade, não tendo nada a ver com a redução da compreensão teórica do segundo autor diante do primeiro. A própria obra de Comte, no que tem de mais conservador, é mera reação ideológica ao socialismo, de que Saint Simon, seu professor, era signatário, e que ainda que na sua forma utópica, fazia parte da realidade criada pelo capitalismo, modo de produção criou a necessidade, pela primeira vez na história da humanidade, de uma ciência que refletisse de forma científica a própria sociedade, e que encontrou na Sociologia uma forma adequada de fazê-la, disputando espaço com o socialismo científico, este o principal legatário das tendências ocidentais, a saber, a economia política inglesa, o socialismo francês, e a filosofia alemã.

A expectativa de Florestan era, servindo-se daquilo que estava disponível para generalizar a prática científica no Brasil, contrastar a herança arcaica e a falta de dinamismo das elites senhoriais com a institucionalização da pesquisa, mantendo portanto a história em aberto de modo a aproveitar os dinamismos desagregadores da ordem pré-capitalista impulsionados de fora, até que as condições de enfrentamento se tornassem mais equilibradas, ou menos selvagens. O movimento da realidade demonstrou que tais oportunidades não foram aproveitadas pelos agentes históricos, como o professor reconheceu mais tarde. No embate cultural, predominou a negação ao uso criador das tradições científicas, o que resultou em um padrão de heteronomia singular.

5 ABORDAGEM DA OBRA CLÁSSICA “UM RETRATO DO BRASIL” NAS AULAS DE SOCIOLOGIA



Heloísa Fernandes (1996), no prefácio a obra de seu pai, intitulada “Apontamentos sobre a Teoria do Autoritarismo”, recorre à clareza expositiva do autor como o elemento pedagógico que permite contrabalançar a natureza complexa dos assuntos tratados com os seus estudantes, evitando assim o “pseudopaternalismo”. Limoeiro (1996), por sua vez, retoma a convicção que Florestan tinha acerca da importância na formulação do problema adequado, de modo a vincular o conhecimento científico à ação transformadora e em uma perspectiva universalista do papel da ciência na sociedade.

Tal perspectiva se contrapunha com a de intelectuais como Guerreiro Ramos, que defendia que a ciência deveria se colocar ao nível do desenvolvimento da sociedade, pois acima representaria um desperdício de energias e recursos. Florestan, por sua vez, não ignorava os entraves do subdesenvolvimento - ou mesmo a ausência de desenvolvimento capitalista em algumas formações sociais - à ciência. Por outro lado, o professor pesquisador e militante lamentava a inexistência de um movimento contestador da ordem, que pudesse aproveitar o trabalho intelectual do cientista social na elaboração de seus alvos ideo-políticos.

Ademais, Florestan lamentava o divórcio entre a pesquisa e o ensino - que em muitas ocasiões chegava-se ao ponto de verificar que pesquisadores não trabalhavam seus próprios objetos de pesquisa em sala de aula. Do seu ponto de vista, compartilhar os êxitos e obstáculos da pesquisa com os alunos conferiria uma qualidade de criação importantíssima e que, de outro modo, seria desperdiçada.

Apesar de só citar uma vez Comte e Marx na obra “Um Retrato do Brasil”, Florestan demarca a importância de tomar os autores clássicos da ciência social como ponto de partida aberto para a criação sociológica, se negando assim a reduzir a ação do sociólogo à mero enquadramento da situação histórico-concreta em procedimentos importados e pré-determinados. Para nosso propósito, o texto abordado no presente artigo, suscita a reflexão sobre o desafio de estender ao debate clássico da sociologia, os clássicos do pensamento social brasileiro, e interligar tais reflexões com o contexto dos educandos.

O cotidiano é um espaço essencial para o “fazer sociológico”, possibilitando com que o educando se inicie na pesquisa, e se debruce sobre problemas



concretos, além de exercitar a reflexão crítica acerca das possibilidades de modificação do meio, senão numa perspectiva de “mudança dirigida”, ao menos na leitura do movimento da realidade, de modo a rebater concepções estáticas oferecida pelo pensamento conservador, tecnocrático, fragmentado e irracionalista.

Dentre os problemas que tocam os jovens, estão aqueles relacionados à condição de existência da juventude, exposta a maiores índices de violência-incluídos aí o genocídio; o suicídio como segunda maior causa de morte; maiores índices de desemprego e suas várias consequências; acometimento de doenças e constante estado de sofrimento. Neste sentido, pode-se afirmar que há uma demanda na transversalização entre as políticas educacionais e de saúde.

Além disso, dentre outras vantagens em trabalhar didaticamente os textos que compõem “Um retrato do Brasil”, está a facilidade de abordar questões particulares nos textos, em geral pequenos, que são relativamente independentes entre si e se complementam. Também o fato que os textos eram disponibilizados num jornal de grande circulação, a linguagem é um pouco mais mediada para o grande público que as obras voltadas para sociólogos e pesquisadores. A obra ajuda a colocar em evidência os diversos mitos que ainda povoam o senso comum dominante, e abrem um debate profícuo sobre a descolonização do pensamento.

Por fim, cabe ressaltar as limitações postas na obra “Um retrato do Brasil” para o conhecimento pleno do pensamento de Florestan, e mesmo para o debate de políticas de saúde, que precisaria incluir as obras posteriores de Florestan, especialmente em meados de 1960, como afirma Limoeiro (1996):

marcaria o coroamento de um esforço interpretativo, em que ele já é capaz de demarcar com precisão metodológica, conceitual e teórica uma problemática inovadora, na qual vinha trabalhando desde 1955, pelos dados de que disponho até o momento. O que estou apontando é que seus textos de 1967 como que concluem a construção do que ele provavelmente chamaria de esquema teórico de referência para a explicação do Brasil e do subdesenvolvimento/dependência/ heteronomia (p.3).

CONCLUSÃO

Vimos que para o objetivo proposto, a saber, a aproximação das ciências da saúde com as ciências sociais, a partir das publicações de Florestan sobre o tema,



que se tornaram clássicas, verificamos uma série de vantagens para pensar o ensino, dentre as quais situar o fazer sociológico, referenciado na realidade do entorno, onde a pesquisa - em fontes documentais ou de campo - é essencial, incidindo inclusive nas dimensões da difusão do conhecimento sociológico, no caso em tela, no ensino.

Ao mesmo tempo revela o pioneirismo da produção sociológica brasileira que, aos poucos, foi se encontrando com a real complexidade da própria formação social brasileira, em que atraso e modernidade se misturam, naquilo que posteriormente Florestan posteriormente designaria como modernização conservadora.

Verifica-se a pertinência na intersecção de áreas de conhecimento como as ciências sociais, educação e saúde. No âmbito escolar, o assunto de saúde é essencial para o coletivo que ali convive, como para o conjunto da sociedade, e a sociologia tem contribuições importantes nesta área, em suma, que a saúde é mediada por relações sociais. A pandemia de Sars COVID - 19 recolocou o debate sobre as relações entre sociedade e políticas de saúde pública, e deverá ser aprofundada nos próximos anos, fato que ressignifica e reforça a intenção original da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia de Florestan Fernandes.

Tempo soc., São Paulo , v. 22, n. 1, p. 9-27, June 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702010000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Ago. 2019.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. **Estud. av.**, São Paulo , v. 10, n. 26, p. 89-128, Apr. 1996 .

Disponível

em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 Ago. 2019.

MAIO, Marcos Chor; LIMA, Nísia Trindade de. **Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança?** Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais (1940-1960). *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 529-561, maio/ago. 2009.



FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo, Difusão Europeia do Livro. 1974.

_____. **Apontamentos Sobre a “Teoria do Autoritarismo”**. São Paulo, Expressão Popular. 2019.

_____. **A Condição de Sociólogo**. São Paulo, Hucitec. 1978.